Globethics Repository



O caso Kursk [The case Kursk]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Castro Bernardino, Eliane de
Publisher	EBAPE - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-05 17:46:27
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/225648

O CASO KURSK: ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A QUESTÃO DA ÉTICA

Eliane de Castro Bernardino

1. Apresentação do tema e do problema

Em 12 de agosto de 2000, durante exercícios militares, explosões levaram o submarino nuclear Kursk ao fundo do Mar de Barents, com 118 tripulantes a bordo. Nos primeiros dias após o naufrágio, altos oficiais da Marinha russa disseram ter recebido mensagens em código Morse, feitas por meio de batidas no casco do submarino. Depois, à medida em que a chance de encontrar sobreviventes diminuía, surgiram contradições sobre se havia de fato tripulantes vivos, e, por fim, as autoridades passaram a insistir que ninguém poderia ter sobrevivido após o acidente, cuja causa ainda é desconhecida.

O Presidente Putin foi informado do acidente apenas poucas horas após o ocorrido. Entretanto, somente comunicou à opinião pública dois dias depois, 14 de agosto. Pelo fato do submarino estar afundado a 108 metros de profundidade, em mar revolto, países como a Noruega, Estados Unidos e Inglaterra ofereceram sua ajuda para alcançar o submarino e tentar resgatar sobreviventes. Apesar de mais tarde se ter sabido que a Rússia só dispõe de dois megulhadores de grande profundidade, ainda assim as autoridades russas rejeitaram, durante quatro dias, a ajuda estrangeira. Os barcos noruegueses especializados nesse tipo de operação dispõem até mesmo de oficinas de forja a bordo, o que os possibilita fabricar no local os instrumentos exigidos pelos mergulhadores.

Aceita a ajuda norueguesa, com uma semana de atraso, os mergulhadores conseguiram resgatar os corpos dos tripulantes e encontraram uma carta no bolso do uniforme do tenente Dimitri Kolesnikov, escrita no escuro, poucas horas depois da explosão, dizendo que todos os tripulantes dos 6º, 7º e 8º compartimentos do submarino haviam se refugiado no 9º compartimento e que ali havia 23 pessoas, que não esperavam mais chegar à superfície. A carta era endereçada à mulher do tenente e o restante do texto era uma despedida.

Os 23 sobreviventes provavelmente morreram afogados, de hipotermia ou por causa da alta pressão. Ainda não se sabe quanto tempo eles permaneceram vivos nem se havia a possibilidade de eles serem resgatados, caso a Rússia não tivesse demorado para aceitar ajuda internacional.

Um perito militar independente, Pavel Felghengauer, afirmou: *"se não tivéssemos rejeitado no princípio a ajuda ocidental, a probabilidade de salvar os marinheiros teria sido maior"*. Segundo o perito, *"a ideologia da Frota do Norte, a mais antiocidental de todas, que não tem outro inimigo senão a OTAN, sua única razão de ser"*, foi a culpada pelas vacilações russas em aceitar a ajuda estrangeira.

A confirmação de que havia sobreviventes reavivou a polêmica sobre o comportamento das autoridades, que além de terem demorado para divulgar o ocorrido, terem relutado em pedir ajuda estrangeira e terem divulgado a falsa notícia de que achavam que o motivo da explosão teria sido a colisão com um submarino estrangeiro, também mentiram sobre o carregamento do submarino.

Alguns meses depois do acidente, descobriu-se que, ao contrário do que a Marinha russa havia divulgado, havia armas nucleares no Kursk. O deputado Grigory Tomcnin, membro da comissão russa que investigava o acidente, declarou que estava cansado de manter segredo sobre a tragédia. Harald Ramfjorde, engenheiro norueguês que participou das operações de resgate, afirmou ter visto documentos secretos russos que confirmavam a presença de armas nucleares a bordo.

2. Análise Crítica

Analisemos a questão apresentada sob a ótica do Absolutismo e do Utilitarismo.

Seja qual for o referencial utilizado, é necessário deixarmos claro que a análise do problema acima exposto não diz respeito às explosões ocorridas no submarino e ao destino daqueles 95 tripulantes que morreram como conseqüência imediata da explosão.

Acreditamos não caber discussão ética sobre esse assunto, já que não se pode provar que houve negligência da Marinha russa no projeto, nem na manutenção, nem no treinamento de seus oficiais e auxiliares a bordo. Entendemos que este fato foi um acidente trágico e que o que se estará tratando a seguir refere-se apenas do resgate dos 23 sobreviventes da explosão e naufrágio, bem como do próprio submarino e das armas nucleares.

- **Ponto de Vista do Absolutismo**

Sob a ótica da Moral do Dever, preconizada pelo filósofo alemão Kant, a atitude das autoridades russas foi moralmente inaceitável. Esta conclusão baseia-se, principalmente, na omissão de informações e no uso da mentira. Ora, em Kant, vemos que a mentira é imoral, por não poder passar no teste da universalização. Mesmo que alguém deseje mentir para obter proveito próprio, pessoal ou institucional, esse alguém não tem como aceitar que a mentira seja algo positivo, porque se todos mentissem, o mundo seria inviável.

Com todas as informações falsas relatadas anteriormente, as autoridades russas demonstraram se preocuparem muito mais com a preservação do orgulho nacional russo e na suposta manutenção dos segredos de Estado do que com os indivíduos sobreviventes do submarino. Essa atitude fere um outro princípio da Moral do Dever, que é o de nunca tratar os outros simplesmente como meios, mas sempre também como fins. Apesar de não estar provado que vidas teriam sido salvas se a ajuda internacional tivesse sido aceita desde o início, o contrário também não foi provado. A Marinha e o Presidente russo não demonstraram a mínima consideração com as famílias daqueles marinheiros que ainda tinham chances de escapar da morte, concedendo-lhes o mesmo tratamento do que os já mortos e do que o casco do próprio submarino.

Em Kant, também observamos que todo ser humano tem dignidade e não tem preço. As autoridades russas não demonstraram levar em conta essa dignidade, desprezaram o princípio da liberdade de escolha dos indivíduos sob sua responsabilidade e relegaram a segundo plano o papel dos tripulantes vivos, de suas famílias e de toda a população que acompanhava o assunto.

Concluindo a visão absolutista, fica claro que os governantes russos demonstraram desrespeito às vítimas e aos cidadãos, especialmente por causa da desconsideração da importância do papel central do indivíduo como pessoa moral e da contaminação emocional e egoísta que motivou suas ações, traindo os princípios de justiça e equidade que são defendidos pela Moral do Dever.

- **Ponto de Vista do Utilitarismo**

No Utilitarismo, a moral cuida essencialmente da satisfação das necessidades e do bem-estar das pessoas, da maximização da felicidade e da minimização do sofrimento. Os utilitaristas acreditam que podem aplicar os princípios da razão às instituições e à vida individual e coletiva.

Segundo Bentham, um dos principais autores do Utilitarismo, cada pessoa tem seus ideais, preferências, desejos, que podem ser diferentes das outras pessoas. Por isso, este pensador cria o princípio da utilidade, que preconiza que cada um de nós, como indivíduo, possui um conjunto mais ou menos coerente de projetos e que a realização desses projetos representa a sua utilidade ou felicidade. Cada desejo vale independentemente de sua qualidade moral ou estética e independentemente de quem seja o seu depositário, tendo sempre o mesmo valor para qualquer pessoa. Assim, é necessário aplicar o princípio da utilidade não somente para si próprio, mas para todas as outras pessoas com quem se convive, seja uma família, uma comunidade ou toda uma população, local ou mundial. Em outras palavras, é necessário ponderar os interesses das outras pessoas da mesma forma com que se pondera os próprios interesses. Daí nasce o conceito da maximização da utilidade coletiva, que preconiza que se deve analisar imparcialmente os interesses de todos os envolvidos, agregá-los e distribuir esses recursos de forma a tornar máxima a utilidade para o maior número possível de pessoas.

Embora a moral Utilitarista apresente grandes diferenças com relação à moral Absolutista, principalmente no que concerne os motivos para que alguém aja moralmente (a maximização da utilidade, no caso do Utilitarismo, e a consciência do dever, no caso do Absolutismo), estas duas correntes morais apresentam uma importantíssima convergência: o acento fundamental na

centralidade da noção do indivíduo como pessoa moral, como ser provido de valor.

Sendo assim, apesar de todas as demais diferenças com o Absolutismo, podemos concluir que também sob a ótica do Utilitarismo, a forma de agir das autoridades russas foi moralmente inadmissível. Nem se pensássemos na população russa como merecedora de uma máxima utilidade, em detrimento dos interesses de uma minoria (os 23 sobreviventes), não havia nenhum forte motivo - como por exemplo, uma guerra - que justificasse a manipulação das informações ao público e principalmente a inicial recusa da ajuda de um país tecnologicamente mais desenvolvido em operações de resgate em águas profundas.

3. Conclusão

Com o acidente com o submarino nuclear Kursk, que deixou os russos e o mundo perplexos, parece ter ficado claro o grau de deterioração da estrutura da antiga União Soviética. Mais uma vez, o mundo ficou atônito com uma política de salvamento desastrada e insegura e também com a falta de transparência que marca a história das instituições da Rússia.

Acredito que o naufrágio do Kursk tenha sido um exemplo trágico da transição do período da guerra fria para o da globalização, pelo qual estão passando o mundo e a Rússia. E parece que, pelo menos nesse episódio, somente o Presidente Putin não se deu conta da importância dessa transição. Numa entrevista a uma TV russa, depois do acidente do submarino, Putin defendeu o seu governo e destacou suas prioridades: *"Estarei com o Exército. Estarei com a frota. Estarei com o povo."* Putin acredita que *"as necessidades do Estado vêm sempre em primeiro lugar, e as preocupações do indivíduo, num distante segundo lugar."*

O que acontece quando um país como a Rússia adere à globalização – mercado global livre, telecomunicações, mídia e Internet – é que os indivíduos se tornam mais poderosos. A habilidade em obter informações por conta própria, ganhar o seu sustento e impor sua vontade diretamente, como

indivíduos, aumenta enormemente, por causa da globalização e queda de muros em toda parte.

Mais do que isso, quando todas as pessoas começam a saber como o restante do mundo está vivendo - o que também acontece na globalização -, elas passam a exigir as mesmas coisas. E ficam profundamente contrariadas quando seus líderes não percebem esses anseios.

Constato que o caso do Kursk mostrou o quanto o povo russo está se aproximando desse ponto, e quão pouco o seu Presidente faz. Putin e seus generais certamente resistiram em aceitar ajuda externa porque temiam que isso manchasse a honra das Forças Armadas da Rússia e invalidasse as pretensões de ser ainda uma superpotência. Mas as famílias dos marinheiros russos, sabendo que ajuda estrangeira havia sido oferecida, demostraram não se importar com a "Mãe Rússia" ou o "Pai Rússia", e sim com o Yuri, com o Boris e outros tantos que estavam dentro do submarino. É possível que o que eles realmente queriam dizer é que embora a honra nacional ainda seja importante, a vida e as aspirações do indivíduo agora também importam, e que não são apenas os americanos que não querem mais morrer por abstrações.

O triste acidente com os tripulantes do submarino Kursk, acompanhado em tempo real pela população mundial, nos mostra que não existe espaço no mundo para a falta de transparência das atitudes do Estado, o maior e mais lamentável resquício dos tempos do regime fechado. Mostra a falência do antigo modelo, que se de um lado vivia de sucessos militares, do outro agonizava pela insuficiência de alimentos para o povo. O governo russo deve saber que, ao contrário da época passada, a melhor atitude de um Estado nos dias de hoje, é dar mais valor à vida humana de seu povo, considerando-a mais importantes que o vazamento de segredos militares.

O que parece é que a Glasnost (a "transparência"), aquilo que a mudança de regime trazia de melhor, tenha sido quase completamente esquecida.

4. Fontes Bibliográficas

O ESTADO DE S. PAULO, São Paulo. edição de 27 de outubro de 2000.

O GLOBO, Rio de Janeiro. edição de 5 de abril de 2001.

ALBERONI, Francesco, VECA, Salvatore. O altruísmo e a moral. Rio de Janeiro : Rocco, 1990.